

Agricultores juntam-se em Lisboa para exigir apoios do Governo

Graça Barbosa Ribeiro

Confederação Nacional da Agricultura diz que esta é “a mais grave crise dos últimos 30 anos”

● Ao mesmo tempo que reclamaram apoios, ontem, os dirigentes nacionais da Confederação Nacional da Agricultura prometeram fazer uma grande concentração em Lisboa, no dia 26 de Março. Avisam que os pequenos e médios agricultores atravessam “a mais grave crise dos últimos 30 anos” e reclamam que, ao invés de apostar, “sem sucesso”, na exportação, “o Governo assegure a produção de alimentos acessíveis e de qualidade para os portugueses”.

“Quem é que nos vem alimentar daqui a seis anos? Nessa altura, quando não tivermos dinheiro para pagar, alguém nos vem dar de comer à borla?”, insistiu João Diniz, na conferência de imprensa realizada ontem. Na sede da Confederação Nacional da Agricultura, em Coimbra, aquele dirigente justificava, assim, o pedido de inversão de uma política que, na sua perspectiva, “tem tornado o país cada vez mais dependente do estrangeiro em termos de bens alimentares”.

Ao Governo, os dirigentes da Con-

federação Nacional da Agricultura exigem que, ao invés de ajudar “os grandes proprietários e produtores agro-florestais, que não são obrigados a produzir bens alimentares”, apoie as explorações agrícolas familiares, os mercados locais e regionais e as produções tradicionais. Nomeadamente através da reformulação do Programa de Desenvolvimento Rural (ProDeR), dirigindo-o “para aquele sector estratégico”; e criando linhas de crédito “altamente bonificado” para desendividamento e para investimento.

E desta vez não aceitam, dizem, “a habitual desculpa oficial de que não há dinheiro”. “Ele não tem faltado para as generosas ofertas aos banqueiros e alguma da grande indústria e acudir aos agricultores é vital”, comparou João Diniz.

Para explicar a crise, o dirigente da Confederação Nacional da Agricultura apontou a conjugação de vários factores. Entre eles, acusou, o facto de, alegadamente, em quatro anos o Governo não ter investido “um cêntimo em projectos de investimento estruturantes para a agricultura” e ter “desperdiçado verbas comunitárias disponíveis para o efeito”. “A especulação com o preço dos factores de produção e com o dos bens alimentares do consumidor” também foi um dos argumentos apontados.
